

DITO BENEDITO

O País de Sonhos Rasgados

ENSAIO HÍBRIDO



©Dito Benedito, 2021

Título: O País de sonhos rasgados

Autor: Dito Benedito

Contactos

E-mail: Franciscobeneditomucamba@gmail.com

Instagram: @ditobenedito_escritor

Facebook: @ditobeneditotal

Edição e paginação

Dito Benedito

Design de capa

Dito Benedito

Foto de capa

João Carlos Monteiro

Revisão

Dito Benedito | Armando Domingos Neto | Dito Benedito

É imperioso, vital e aceitável a discussão e reprodução dos excertos que compõe este trabalho. Se o leitor achar-se incapaz, tem todo direito de o abandonar e provar o seu obscurantismo.

#escritordomeutempo

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grato aos meus amigos e a minha família. Agradeço especialmente a minha esposa e a minha filha pelo amor, compreensão e paciência que tiveram, e que continuarão a ter, pois, haverá noites que terei de abandoná-las novamente para produzir e, de certo modo, me reencontrar.

O PAÍS DE SONHOS RASGADOS

A princípio quero que percebas que tens em posse um texto híbrido, um texto escrito não com caneta, mas com lágrimas e o barro da pele, ele é, se assim posso dizer, o homem e sua alma.

Deixo para ti a responsabilidade de situá-lo no gênero que te convir. Mas antes, deixe-me dizer-te que nós, os de sonhos rasgados, queremos, deste modo, situar a nossa pátria num rumo melhor.

Neste anseio de pintar em palavras as minhas ideias e emoções, começo por dizer que existe, nas entrelinhas deste relato, o melhor que posso e que sei fazer.

Desse jeito teórico vou procurando a melhor forma de inaugurar esta abordagem e espero encontrar, caso não consiga, terei de começar por ele, ou seja, começo por ele que foi um homem desterrado em sua própria terra. Não a terra do chão, nem o chão da terra. Talvez seja: a terra do coração onde pisam os sentimentos, da alma onde trilham as culturas e as línguas. Posso, deste modo, afirmar que ele voltava enteedo para casa de onde nunca deveria ter saído.

Os ventos da guerra civil o arrastaram assim como muitos, para longe do seu país. Crescera

#escritordomeutempo

fora da sua terra, mas nunca longe. Nem mesmo os ventos que na guerra semeiam separações, foram capazes de arrancar a pátria de dentro dele.

Suas lembranças eram vermelhas. Durante a infância, no berço da poesia, ele viu seus pais e irmãos, pintarem as cores da liberdade e da independência com seus sangues. Todos ansiavam por um país onde pudessem viver poeticamente, praticando o voo da liberdade, declamando versos livres. A liberdade é um poema. Sabiam eles, os declamadores. O branco da paz, fora o vermelho do sangue.

Como dizia, ele havia fugido, não de si, mas da guerra, para a vizinha república. Com poucos recursos, apenas com a paixão e entrega de espírito, conseguiu formar-se, na esperança de um dia servir a sua nação. Lá, teve a necessidade de aprender um novo idioma sem

#escritordomeutempo

precisar desaprender o seu. Podia-se dizer que foi difícil, mas não, ele aprendeu um idioma parecido ao da sua terra.

Os idiomas africanos têm características semelhantes, embora sendo de tribo diferente, a pessoa consegue encontrar palavras análogas às da sua tribo. Talvez seja este o motivo que faz o africano facilmente tornar-se poliglota, ou seja, é poliglota por natureza, nasce com a necessidade de conhecer vários idiomas para sobreviver.

Após a conquista da tão desejada independência, o país que anelava a liberdade, fora dividido por linhas imaginárias, que atravessavam o coração, a alma e a boca. Os manos tornaram-se inimigos dos camaradas. Uma Babel tão rápido se formou. Cada um inaugurou o seu idioma, cheio de palavras que exprimiam a busca de interesses distintos, que

#escritordomeutempo

fez o país mergulhar novamente numa guerra, dessa vez, a guerra da falta de compreensão! Os poetas da liberdade, eram agora incapazes, de viver os seus versos.

Mas como o momento mais escuro do dia é antes do nascer do sol, despontou-se aí a aurora da liberdade, acabando com uma luta que nem devia ter começado. Quando ele ouviu os ventos arrastarem os gritos de paz, o calar das armas, a fraternidade dos abraços vindo do Moxico, soube alegremente que havia chegado a hora. A hora de regressar para sua terra. Entretanto, nunca lhe passou pela cabeça, que sua amada terra, jamais regressaria para si.

Tinha a nacionalidade, mas era como se não a tivesse. Era mais fácil um cão comunicar-se com o dono do que ele com os seus compatriotas. Pensava que voltava para ajudar

#escritordomeutempo

sua terra crescer, mas não. Voltava para se ir embora, (minto, isso nunca lhe passou pela cabeça, acho) então, voltava para sentir na pele as picadas fortes da segregação, vindo de um lugar que viu o cair o seu umbigo e fez despontar os seios que o amamentaram. Sua terra, estava agora dominada pelo idioma português.

O regressado, (assim o trataram) não passava de mais um antiquado e atrasado por falar as línguas maternas. Seus olhos viram um povo, que não queria tirar nunca mais o véu da aculturação do seu rosto. Um povo que deixará de amar sua identidade.

Falar línguas nacionais, seria uma prática digna de aplausos, pois é nestas línguas que mora a verdadeira identidade africana, é a partir delas, que o africano consegue conectar-se aos seus ancestrais. Quando o africano

#escritordomeutempo

deixa de se comunicar como africano, torna-se um estrangeiro no seu próprio território, aliás, talvez já seja, pois, um escritor do meu tempo escreveu:

Os africanos, com a tal aculturação, estão cada vez mais afastados de si, hoje, por hoje, comunicam-se por meio de línguas europeias; descartam os efeitos danosos e acham a comida americana mais saborosa mesmo sendo prejudicial a saúde; são governados por leis gregas e esquecem-se de que, os seus antepassados governavam as tribos com base os sólidos princípios de boa convivência.

A identidade africana está a um fio de ser extinguida por conta dos discursos que visam domesticar os africanos para que eles se percam na modernidade, deixando a parte a originalidade, e as opiniões próprias.

Elas, as potências governadoras do mundo, anseiam ver os africanos caminharem no alheio, obedecendo-as cegamente para que deste modo coloquem as mãos sobre os recursos existentes no berço continente.

O regressado, viu-se perdido e teve de recorrer a sua mente para inventar uma Angola na qual

#escritordomeutempo

ele podia habitar, teve que inventar línguas assim como as crianças para ser percebido. Reaprendeu a falar mesmo tendo o domínio da sua língua materna, e optou por inventar uma nação capaz de acolher um filho que perdeu os olhos de enxergar a mãe. Agiu como o escritor que inventa um espaço para que seus personagens possam habitar.

Talvez pudesse ser um bom escritor, tal como é o modesto escritor do meu tempo, mas seria uma tarefa difícil, uma vez que os escritores não são valorizados em Angola. Actualmente os literatos são inseridos no grupo de pessoas estranhas e incompreendidas. Deixaram de ser pessoas produtoras do saber, tornaram-se produtoras de lazer e utopias. Como havia de ser o contrário, num país onde não existem políticas de incentivo a escrita e a leitura, apenas estratégias capazes de fazer uma

#escritordomeutempo

peessoa dançar o abre o livro, no transitar da Noite e Dia!?

Então quem seria ele? Talvez, apenas um simples regressado incapaz de comunicar-se com os com-cidadãos. Como um bom africano, ele, o regressado, preferiu ser otimista e esperançoso. Acreditou na ideia, de que, com o passar dos anos erradicaríamos o analfabetismo, teríamos cidadãos formados, pessoas instruídas, e poderíamos viver numa nação serena, livre e repleta de infraestruturas dignas para a sobrevivência humana.

Tal como ele, seus compatriotas agarraram com as mãos da crença essa ideia. Todavia, com quase 20 anos de paz Angola continuava a ser um país que formava reprodutores e não produtores de ideias. Os professores, ao invés de estimularem o raciocínio criativo, despejavam informações. Eram garimpeiros,

#escritordomeutempo

ensinavam para ganhar dinheiro e estavam despidos de um compromisso sério com o ensino. Penso, talvez pudessem ser, também, vítimas do sistema que transformara o ensino num comércio. Ou não!?

Lamentavelmente, o ensino de muitos angolanos não se baseava no saber, mas no ser. A luta era por títulos. Bacharel, licenciado e doutor. Pobre nação, comia restos perante uma mesa farta.

Contudo, o país continuava a não investir no capital humano, não criava uma educação capaz de ajudar os angolanos a resolver seus problemas sociais e culturais. O governo pensava estar em uma guerra, preferia investir em armas, do que no saber (a maior arma do mundo), preferia esconder a miséria com meras infraestruturas, afim de vender uma foto maquiada à comunidade internacional.

#escritordomeutempo

Sobre esse assunto, certa vez alguém disse-me:

“Caro jovem, ou seja, meu amigo, nós não podemos estudar para mudar o mundo, ainda não podemos ter a paixão pelo saber, nós ainda estamos com barrigas vazias. Quando comermos e termos a certeza de que já não faltará pão nas nossas mesas, aí sim, talvez a gente estude para mudar o mundo e talvez nem frequentemos as universidades, pois poderemos ser autônomos e autodidatas. Sabemos também que muitas das grandes descobertas provieram de pessoas que não precisaram das universidades para terem a paixão pelo conhecimento, as descobertas foram feitas por pessoas que quebraram o modelo de ensino convencional.”

~ * ~

#escritordomeutempo

Volvidos anos, o regressado, após dominar o idioma e integrar-se na sociedade, ganhou notoriedade e numa cerimônia na qual fora homenageado proferiu as seguintes palavras:

“Caros, nós os jovens, que somos tidos apenas quando estamos envolvidos em problemas, precisamos estar unidos e evitar conflitar por causas que diminuam a nossa credibilidade. Os jovens angolanos precisam mostrar aos seus governantes que são capazes de envolver-se em assuntos de relevância social. Precisamos mostrar ao mundo que estamos a envidar esforços para que Angola se torne no país que todos sonhamos, um país com gente que nos faz suportar o orgulho em ser angolano, tal como versejou o Flores no semba com o Burity.

Caros compatriotas, vamos todos, envidar esforços para que a mente humana seja a

#escritordomeutempo

nossa maior riqueza, pois se não houver pensadores de nada servirão os nossos recursos naturais – eles continuarão a ser explorados por pessoas que nos darão migalhas por não sabermos o valor daquilo que possuímos.

O país precisa formar pensadores e tradutores de ideias, precisa de pessoas capazes de descodificar as ideias por detrás das letras, para que o mundo perceba que, além de recursos naturais, Angola tem acima de tudo, pensadores, pessoas capazes de transformar a matéria em riqueza.

Conseguiremos viver no país que todos sonhamos se deixarmos de sentir medo da mudança, teremos o país que todos sonhamos se abraçarmos aqueles que têm um raciocínio diferente do nosso. Precisamos deixar de nos sentir ameaçados quando surge alguém com

#escritordomeutempo

mais conhecimento que nós, precisamos aprender a reverenciar os excêntricos, precisamos aplaudir àqueles que são capazes de romper com os aspetos que impedem a nossa emancipação.

Conseguiremos viver no país que todos sonhamos quando os nossos políticos deixarem de pensar que governar é fazer um favor ao povo, falaremos alto e em bom tom, dos nossos problemas para que os nossos dirigentes deixem de envidar esforços e façam o que de facto lhes compete.

Caros compatriotas, nós só conseguiremos viver no país que todos sonhamos quando as nossas escolas começarem, não apenas a formar, mas a instruir os indivíduos a serem capazes de debater, conectar ideias e construir uma sabedoria que possibilite os angolanos a desenvolverem sua terra.”

#escritordomeutempo

Alcançaremos o país que todos sonhamos quando deixarmos de nos vitimizar pelo que aconteceu no passado. Teremos o país desejado quando começarmos a lutar para superar as dores e deixarmos de olhar para os políticos como os nossos salvadores, eles não são, eles são pessoas como eu e você, são pessoas que conquistaram os seus cargos por intermédio de caminhos que eles mesmos traçaram. Tracemos, entretanto, os caminhos para alcançarmos a nossa independência, pois nunca os políticos nos darão o que de facto precisamos, ou nos esforçamos ou nunca seremos realmente independentes”.

Fim.

Dito Benedito

#escritordomeutempo

DITO BENEDITO



ESCRITOR DO MEU TEMPO